

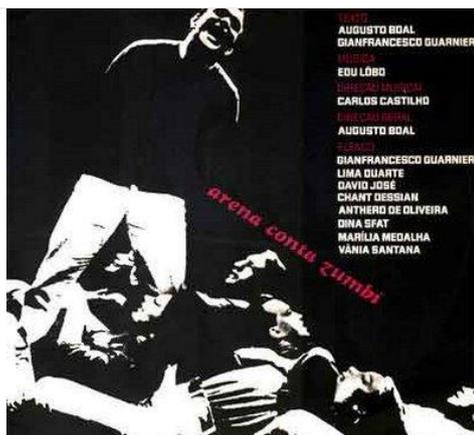
FUNDADORES  
DO PAÍS

BRASILEIROS

Nº 5

Gianfrancesco Guarnieri

Após a destruição avassaladora do governo nefasto cujo "patriotismo" destruiu nossa cultura.....  
.....leia mais no nº 1 da Série Brasileiros, publicado em 09/12/2022, para conhecer a motivação do seriado...



Arena Conta Zumbi, 1º de maio de 1965.  
Teatro de Arena, São Paulo. [Cartaz de estreia.](#)

*Upa neguinho na estrada / Upa pra lá e pra cá / Vixi, que coisa mais linda / Upa neguinho começando a andar [...] / Cresce neguinho me abraça / Cresce me ensina a cantar / Eu vim de tanta desgraça mas muito eu te posso ensinar / Capoeira, posso ensinar / Ziquizira, posso tirar / Valentia, posso emprestar / Mas liberdade só posso esperar*

*Upa Negrinho* (Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri) marcava presença nos anos de chumbo... Ritmo, refrão e melodia fáceis de cantar e dançar foram imortalizadas na voz de Elis Regina, no molejo e na alegria de Jair Rodrigues. Mas é na interpretação de Edu Lobo e coro da peça *Arena conta Zumbi* (Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, 1965) (**ouça**) que se tem a dimensão do drama da escravidão e da luta por justiça e liberdade de Zumbi dos Palmares. Nessa canção e nas peças se tem a dimensão de quem foi **Gianfrancesco Guarnieri** (Milão, 1934 - São Paulo, 2006), brasileiro no sentir, viver, lutar e amar seu povo.

Filho de músicos italianos antifascistas (Eduardo Guarnieri e Elsa Martinenghi), chegou ao Rio de Janeiro em 1936. Aos 13 escrevia no *Jornal Juventude Comunista* e aos



18 anos inicia a militância no movimento estudantil e a carreira teatral criando, com Oduvaldo Vianna Filho, o Teatro Paulista do Estudante (1955) que se juntaria ao Teatro de Arena de São Paulo. No **Teatro de Arena** - marco do teatro engajado brasileiro influenciado por Bertolt Brecht - Guarnieri inicia sua carreira como ator em peças dirigidas por José Renato e **Augusto Boal**. Em 1958, estreia como dramaturgo no "Arena" a peça *Eles não usam Black-Tie* dirigida por Renato José Pécora. Invertendo a lógica burguesa de se autorretratar, os personagens eram operários em movimento de greve que moravam numa favela cujos problemas socioeconômicos são mostrados e representados sem maquiagem e com a sabedoria e o amor que transpiravam do olhar, sorriso e jeito cativante de Guarnieri. O sucesso de bilheteria rendeu prêmios e salvou as finanças do Arena que inicia uma fase nacionalista, com peças sociopolíticas como: *Gimba, Presidente dos Valentés* (1959) - o morro carioca e a árdua sobrevivência dos marginalizados; *A Semente* (1961) - a militância comunista; e *O Filho do Cão* (1964) - misticismo religioso e reforma agrária. Com Augusto Boal, dirigiu o Teatro de Arena e escreveu duas peças em resposta inventiva à censura, de suas montagens realistas, pelo regime militar: *Arena Conta Zumbi* (estreia em 1º de maio de 1965) e *Arena Conta Tiradentes* (1967). Essas peças inovaram também na representação teatral com os atores se revezando nos papéis. Tanta cultura e criatividade não seria tolerada por muito tempo pelos opressores. Augusto Boal é detido e exilado e o Arena não mais contou a história do Brasil pelos oprimidos. Guarnieri teve várias peças censuradas, como *Animália*, cujo enredo mostrava a coragem de jovens que lutavam pela democracia e direito à escolha de seu próprio destino. Estreou uma única vez - em 05/06/1968 - na 1ª Feira Paulista de Opinião, movimento artístico contra a ditadura, com Antônio Fagundes, Rolando Boldrin e Gianfrancesco Guarnieri nos papéis principais. Foi retirada dos palcos por ordem do regime militar. Em 13/12/1968, o **Ato Institucional nº 5** - QUE DESPERTA SAUDADE NOS VÂNDALOS TERRORISTAS QUE FERIRAM NOSSA DEMOCRACIA, E EM SEUS APOIADORES POR AÇÃO, OMISSÃO, MEDO OU HIPOCRISIA - acuaría nossa sociedade... ..... Guarnieri não se deteve! Continuava politizando, com metáforas, nas peças *Castro Alves Pede Passagem* (1971) e *Um Grito Parado no Ar* (1972). Escreve a fábula *Ponto de Partida*, onde atua, que estreia em setembro de 1976, narrando a morte misteriosa de um poeta e humanista que aparece enforcado numa praça de aldeia medieval e a hipocrisia toma o costumeiro lugar na garantia da impunidade dos assassinos. Aludia à morte (25/10/1975) de seu amigo Vlado - o jornalista Vladimir Herzog - assassinado covardemente um ano antes.



A dor de Gianfrancesco pelo assassinato de Vlado foi reproduzida no *Persona em Foco - Gianfrancesco Guarnieri – 17/11/2015* (vale conferir: 44'12'') junto a imagens e recortes da trilha sonora da peça, sucesso de público e láureas. Para o dramaturgo, foi um período de intensa tristeza e perplexidade. *Fiquei muito estressado, aquilo aconteceu com Vlado e também com muitos operários. Parei de escrever, precisava entender o que se passava...* Com o início da reabertura política, o filme *Eles não usam Black-Tie* (assista), de 1981, baseado na peça e dirigido por Leon Hirszman recebe diversos prêmios nacionais e internacionais, inclusive o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza e a inclusão na lista dos 100 melhores filmes brasileiros pela Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema). No cinema, escreveu roteiros e/ou atuou em filmes também premiados, como *A hora e a vez de Augusto Matraga* (Roberto Santos, 1965) e *Gaijin, Caminhos da Liberdade* (Tizuka Yamasaki, 1980). Na TV, desde 1967, integrou o elenco da novela *A Hora Marcada* (Tupi, 1967), *O tempo e o vento* (Excelsior, 1967) e *Mandala* (Dias Gomes e Marcílio Moraes, 1987), na qual interpreta Túlio, um militante comunista, fato inusitado em novelas. Atuou também no Caso Especial *Turma, Doce Turma* (Vianninha, Globo, 1974), homenagem aos companheiros do Teatro de Arena, em minisséries. Escreveu roteiros de seriados e muitos outros trabalhos em que imprimia sua verve política transformando histórias comuns em pedagogia política.

**GIANFRANCESCO, POR ELE MESMO, no RODA VIVA (TV Cultura, 1991)**



***Tem-se a ideia errada de que “educativo” tem que ser algo chato enfadonho...***

(sobre a minissérie *O mundo da Lua* - TV Cultura, 1991-2)

\*\*\*

***Não me lembro de personagem comunista p’ra valer em nenhuma novela.***

(sobre seu papel do comunista Túlio na novela *Mandala*)

\*\*\*

***Black-Tie narra a história do ponto de vista do oprimido e não das classes dominantes, como se fazia até então. Questão central discute o ponto de vista para solucionar os problemas da classe operária: individual ou coletivo?***

***Mostra esse conflito colocando confrontos entre o pai (radical pelo coletivo) e o filho (que visa sair do proletariado e engrossar a classe***

***dominante). Inspirei-me em cenas e pessoas do meu cotidiano. A personagem Romana (esposa de Otávio, personagem de Guarnieri) foi inspirada na mãe da empregada Margarida que me criou.***

***Ela me levava para casa dela, na favela, para o convívio com os seus familiares.***

\*\*\*

***Gênero de peça que escreveria hoje (1991) sobre o Brasil: sátira.***

\*\*\*

***Deixar-se mitificar é esquecer a função de estar consciente.***

***Mitificar uma pessoa é também uma forma de se livrar dela. Um ator é igual a qualquer outro trabalhador.***

(sobre fama, sucesso)

\*\*\*

***Me filiei ao PCB (União da Juventude Comunista) aos 14 anos porque era o único partido representativo das maiorias exploradas.***

***Troquei para o PSDB pela admiração a Mário Covas. Hoje não sou filiado a nenhum partido.***

\*\*\*

***Existe aqui um colonialismo cultural clandestino. Inteligentes lá de fora gostam de nossa dramaturgia, nos criticam por deixarmos o desrespeito acontecer aqui.***

\*\*\*

***Não sou porta-voz da novidade. Geralmente esses que aparecem por aí são oportunistas.***

***Não vejo sentido nesse negócio de perseguir o novo. Vamos perseguir o que achamos certo, o que nos dá prazer.***

***Às vezes você pega algo que já existe e faz de modo diferente e ganha outra vida.***

■ ■ ■

Conheça mais: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gianfrancesco-guarnieri/noticia/gianfrancesco-guarnieri.ghtml>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.